

FORMAÇÃO, CLÍNICA E ESCRITA: O CUIDADO DE SI NO PERCURSO DO ESTUDANTE DE PSICOLOGIA

Education, Clinical Practicum and Writing: Care of the Self in the Trajectory of the Psychology Student

Bianca Ferrari Popek – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/Brasil

Camilla Baldicera Biazus – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/Brasil

RESUMO: Este estudo problematiza a experiência de estudantes de Psicologia no contexto do estágio clínico obrigatório, situando-a no cenário contemporâneo da formação no Brasil. Parte-se da constatação do crescimento da área e das tensões entre propostas formativas críticas e a incidência de lógicas institucionais e mercadológicas. O objetivo é analisar os desafios vividos pelos acadêmicos no início da prática clínica e refletir sobre a escrita como dispositivo de cuidado de si no percurso formativo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter teórico-reflexivo, fundamentada em revisão bibliográfica narrativa, articulando contribuições da psicanálise, especialmente Ferenczi, e da filosofia de Foucault, com ênfase nas tecnologias de si. Os resultados indicam que o estágio clínico constitui um espaço de intensificação de angústias, inseguranças e impasses, evidenciando fragilidades do processo formativo, ao mesmo tempo em que possibilita a construção da identidade profissional e o desenvolvimento de uma postura ética. Conclui-se que a escrita pode operar como dispositivo de cuidado de si, favorecendo a elaboração da experiência, a produção de sentido e a sustentação ética do estudante.

Palavras-chave: Psicologia. Formação. Estágio Clínico. Ética. Cuidado de Si.

ABSTRACT: This study problematizes the experience of psychology students in the context of mandatory clinical internships, situating it within the contemporary landscape of professional training in Brazil. It is based on the recognition of the field's expansion and the tensions between critical educational proposals and the influence of institutional and market-driven logics. The objective is to analyze the challenges faced by students at the beginning of clinical practice and to reflect on writing as a device of self-care within the formative process. This is a qualitative, theoretical-reflective study grounded in a narrative literature review, articulating contributions from psychoanalysis, particularly Ferenczi, and from the philosophy of Foucault, with emphasis on technologies of the self. The findings indicate that the clinical internship constitutes a space where anxieties, insecurities, and impasses are intensified, revealing fragilities in the training process, while also enabling the construction of professional identity and the development of an ethical stance. It is concluded that writing can function as a device of self-care, fostering the elaboration of experience, the production of meaning, and the ethical positioning of the student.

Keywords: Psychology. Education. Clinical Practicum. Ethics. Self-Care.

1. INTRODUÇÃO

A Psicologia, enquanto área de conhecimento e profissão, tem se consolidado como um campo de grande relevância social. De acordo com o Censo da Educação Superior do Inep, entre 2010 e 2021, o número de matrículas no curso de Psicologia no Brasil cresceu 112,4%, passando de 136,4 mil para 289,8 mil, um aumento muito superior ao observado no ensino superior como um todo no mesmo período (Portal de Divulgação Científica do Ipusp, 2023).

O levantamento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), noticiado pelo G1 em 2023, expôs um aumento significativo na procura por cursos da área da saúde após a pandemia, reflexo de uma maior conscientização sobre o papel dos profissionais de saúde. Psicologia foi o segundo curso mais procurado, ficando atrás somente de Medicina. Na Fuvest 2025, Psicologia foi novamente o segundo curso mais concorrido no campus da USP em São Paulo, com 55,6 candidatos por vaga, ficando atrás, novamente, apenas de Medicina (CNN Brasil, 2024). Essa crescente busca pelo curso e a expansão da demanda por profissionais da área reposicionam, no centro do debate acadêmico, questões sobre a qualidade do processo formativo e as experiências singulares vividas durante a formação, bem como seus desdobramentos pessoais e sociais após a conclusão do curso.

Ao voltar-se para a compreensão do outro, o estudante de Psicologia inevitavelmente se depara com sua própria história, com lembranças da infância e adolescência, com figuras familiares e com o contexto sociocultural e econômico que o cerca e o constitui. Estudar Psicologia é, portanto, estudar a si mesmo, o que pode gerar contradições e incertezas, afinal: “Se muitas vezes não consigo ajudar a mim mesmo, como poderei ajudar os outros?”. Tal dúvida é gerada principalmente nos primeiros encontros com a prática clínica em estágios obrigatórios.

O presente estudo tem como objetivo problematizar a importância da experiência pessoal de estudantes de Psicologia durante o estágio clínico. De modo específico, busca analisar o cenário da formação em Psicologia no Brasil e refletir sobre os desafios enfrentados pelos estudantes ao longo da graduação, especialmente no contexto do estágio clínico obrigatório. Ademais, pretende-se traçar a escrita como uma estratégia de cuidado de si e como prática ética no percurso formativo.

2. MATERIAL E MÉTODO

Sustentada em uma perspectiva que articula a Filosofia, especialmente a noção foucaultiana de *epiméleia heautoû*, entendida como prática ética do cuidado de si (Foucault, 2004; 2006), e a Psicanálise, com destaque às contribuições de Ferenczi (1928/2011) e suas concepções acerca da ética do cuidado, a presente pesquisa fundamenta-se em uma revisão bibliográfica de natureza narrativa.

A revisão bibliográfica narrativa, conforme descrita por Pais Ribeiro (2014), caracteriza-se como uma modalidade de pesquisa qualitativa que busca produzir sínteses compreensivas da literatura previamente publicada, organizando os conteúdos de forma interpretativa e condensada. Trata-se de um modo de revisão que possibilita a construção de uma visão ampliada sobre determinado tema. Diferentemente das revisões sistemáticas, não adota critérios rígidos e explícitos de busca, seleção e análise das fontes, estando fundamentada na interpretação crítica do pesquisador (Pais Ribeiro, 2014).

Essa revisão foi conduzida a partir do levantamento e análise de produções científicas, livros e documentos institucionais relacionados à formação em Psicologia, estágio clínico, sofrimento psíquico estudantil, cuidado de si, ética e escrita no percurso formativo. A seleção do material ocorreu de forma intencional, orientada pela aproximação das obras com o objeto investigado e pela relevância conceitual dos autores para a sustentação da problemática proposta. Foram priorizadas produções reconhecidas nos campos da Psicologia, Psicanálise e Filosofia, especialmente estudos voltados aos processos formativos em Psicologia no contexto brasileiro, bem como textos de (e sobre) autores centrais para a sustentação da pesquisa, como Michel Foucault e Sándor Ferenczi.

Além da pertinência temática, consideraram-se critérios como a recorrência das produções na literatura da área, a contribuição teórica para a compreensão das experiências vividas por estudantes de Psicologia, o potencial analítico das obras para problematizar a dimensão ética da formação e sua interlocução com questões relacionadas ao cuidado de si, à escrita e à prática clínica. Também foram incluídos documentos institucionais e produções acadêmicas voltadas às Diretrizes Curriculares Nacionais e às transformações históricas da formação em Psicologia no Brasil, por compreender-se que tais elementos constituem o cenário no qual se inscrevem as experiências analisadas.

A análise do material ocorreu buscando estabelecer articulações entre os referenciais teóricos e elementos característicos do percurso formativo em Psicologia. Assim, a revisão não teve como finalidade o esgotamento quantitativo da produção existente, mas a construção de um campo reflexivo capaz de sustentar criticamente as discussões propostas no presente trabalho.

Para além do levantamento teórico, a investigação é atravessada pela implicação das próprias autoras no processo formativo, compreendendo a experiência como elemento constitutivo da produção de conhecimento. À vista disso, a escrita pode ser tomada como um dispositivo de cuidado de si, permitindo a elaboração das vivências no contexto do estágio clínico em Psicologia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. No Caminho da Formação, um Encontro Consigo

A formação em Psicologia no Brasil é atravessada por tensões históricas e epistemológicas que expressam tanto o processo de institucionalização da profissão quanto os modos de subjetivação produzidos nos espaços formativos (Jacó-Vilela, 2024). Para compreender a experiência singular do estudante, especialmente no estágio clínico obrigatório, é necessário situá-la no contexto social e institucional que a sustenta, considerando elementos como o Projeto Pedagógico do Curso, a organização curricular, as políticas institucionais, as relações de supervisão e as condições do campo de estágio, que, em conjunto, configuram o território da formação (Santos; Nóbrega, 2017). O Relatório Final da Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia (CFP, 2018) assume papel como referência para a análise dos caminhos históricos e estruturais da formação no país.

Em 1932, Radecki organizou no Rio de Janeiro o que poderia ter sido o primeiro curso de Psicologia no Brasil, projeto interrompido poucos meses depois por pressões políticas, religiosas e orçamentárias. Ainda assim, a área seguiu em desenvolvimento, ganhando novo impulso em 1946, com a obrigatoriedade da Psicologia Aplicada à Educação nas licenciaturas e a criação de diplomas de especialização. Na década de 1950, surgiram os primeiros cursos de graduação, consolidando a Psicologia como campo profissional no país (CFP, 2018).

As primeiras propostas curriculares buscaram estruturar essa formação emergente. Em 1958, foi apresentado um projeto de lei para regulamentação da profissão, então denominada “psicologista”, posteriormente reformulado por entidades da área. Destaca-se, nesse contexto, a exigência de análise pessoal para a prática clínica, evidenciando o reconhecimento da dimensão subjetiva na formação do psicólogo e sua articulação com teoria e prática (CFP, 2018).

A regulamentação da profissão ocorreu em 1962, com a Lei nº 4.119 e o Parecer nº 403/62, que instituíram o currículo mínimo e definiram três modalidades de formação: licenciatura, bacharelado e formação de psicólogo (CFP, 2018; Jacó-Vilela, 2024). Posteriormente, com a redemocratização e a Constituição de 1988, ampliaram-se os debates sobre a profissão e sua inserção social, impulsionando revisões curriculares voltadas à aproximação entre teoria e prática (Santos; Nóbrega, 2017; Seixas, 2014).

A partir de 2004, as Diretrizes Curriculares passaram a enfatizar uma formação mais flexível, crítica e orientada por competências, com valorização da pluralidade teórica e do compromisso social (CFP, 2018). Essas diretrizes organizam o curso em núcleos e ênfases curriculares, incluindo a obrigatoriedade de estágios supervisionados e serviços-escola (Andrade et al., 2016). Contudo, questiona-se em que medida essa estrutura contempla a singularidade da experiência acadêmica dos estudantes. O modelo generalista com ênfases curriculares consolidou-se como consenso, embora frequentemente reproduza a centralidade da clínica em detrimento de outros campos de atuação (CFP, 2018; Bernardes, 2012).

Como investiga Jacó-Vilela (2024), a formação em Psicologia no Brasil ainda carrega heranças históricas da racionalidade moderna e científica, e de um modelo profissional regulado por padrões técnico-normativos com abordagens importadas principalmente dos Estados Unidos e da Europa. Isso exige reflexão sobre seus efeitos de sujeição e sobre suas práticas, uma vez que a contemporaneidade trouxe novos problemas, sujeitos e abordagens à academia e prática profissional.

Vale considerar como a lógica neoliberal tem incidido de forma marcante nas estruturas formativas. Como analisa Seixas (2014), as revisões dos modelos de ensino e das políticas educacionais, embora apresentem discursos de atualização, respondem às demandas dos diferentes setores econômicos, preservando os interesses das classes

dominantes, o que impõe tensões entre a formação crítica defendida pela Psicologia e a lógica produtivista que permeia o cenário contemporâneo.

Destarte, estudantes são convocados a definir uma abordagem teórica e uma área de atuação, ao mesmo tempo em que precisam alinhar-se às expectativas de empregabilidade. Como observam Krug *et al.* (2013), os currículos de Psicologia tendem a privilegiar determinadas abordagens e campos de prática compatíveis com as demandas mercadológicas, em detrimento de outras que exigem uma postura crítica e reflexiva mais aprofundada, como a psicanálise e a psicologia sócio-histórica.

Verifica-se também uma crescente aproximação da Psicologia às ciências biomédicas, marcada pela valorização da Neuropsicologia e pela busca por uma Psicologia “baseada em evidências”. De acordo com a pesquisa “As 25 Profissões que Mais Crescem no Brasil, Segundo o LinkedIn”, publicada pela Forbes (2025), o cargo de Neuropsicólogo ocupa o 3º lugar entre as profissões em alta no país, sendo caracterizado por competências em Avaliação Neuropsicológica, Neuropsicologia e Psicologia Clínica. Cabe, portanto, retomar a seguinte provocação: “[...], em tempos onde tudo se tornou tão prático, fluido e instantâneo, não seria o momento de colocarmos os nossos alunos frente aos desafios que implicam a descoberta de si mesmo?” (Almeida e Naffah Neto, 2020, p. 15).

3.2. A (de)Formação na Psicologia

A prática profissional exige compreender o funcionamento psíquico do sujeito em sua singularidade, reconhecer as dimensões sociais, culturais e econômicas que o transpassam, sustentar uma postura ética e política, bem como admitir as potências e os limites de suas próprias escolhas, inclusive o reconhecimento da inexperiência. Lima (2004, p. 101) considera que

Pensar a supervisão, o estágio e, [...] a formação, a psicologia, [...] é mergulhar em suas tramas, ver que sentidos nelas transitam para, posteriormente, fazer uma tomada de posição política, a fim de gestar novos mundos, diferentes daqueles da informação abstrata, da lógica cientificista, fazendo emergir novos universos de referência, formas outras de conceber o amor, o tempo, o encontro com a morte, com o desejo, com a dor e com a vida (Lima, 2004, p. 101).

Essa trajetória desafia o estudante a lidar com suas próprias limitações e a repensar convicções construídas ao longo do percurso acadêmico, sobretudo quando confrontado com a complexidade da clínica. Com isso, é possível vislumbrar esse processo como um

território de (de)formação de si, onde se entrelaçam vivências pessoais e exigências acadêmicas e profissionais.

Aqui, a aproximação com Ferenczi (1928/2011) e sua concepção de “elasticidade da técnica” torna-se particularmente fecunda: o estudante precisa ser “elástico”, esticando-se e deformando-se diante das tensões institucionais, teóricas e subjetivas sem se romper, sobrevivendo ao processo formativo, mantendo viva a capacidade de sentir com. Assim, a (de)formação de si envolve também a possibilidade de flexibilizar posições, acolher fragmentações e suportar oscilações sem perder a si.

Ferrarini e Camargo (2012) ressaltam que a própria estrutura curricular do curso, ao promover uma diversidade teórica nem sempre bem articulada, contribui para a fragmentação da identidade profissional, gerando inseguranças diante da dificuldade de transpor os referenciais teóricos para o campo prático. Nessa direção, Figueiredo (2009) oferece contribuições relevantes ao problematizar a dispersão do campo da Psicologia e a desarticulação entre as disciplinas que compõem a formação.

Segundo o autor, o caráter fragmentado e, por vezes, caótico do currículo intensifica o mal-estar e a angústia dos estudantes, levando-os a reagir de duas formas típicas: pelo dogmatismo, que os aprisiona em sistemas teóricos rígidos, aos quais se agarram como “[...] tábuas de salvação” (Figueiredo, 2009, p. 18), ou pelo ecletismo, caracterizado pela adesão indiscriminada a diferentes referenciais, “[...] sem rigor e sem compromissos” (*Idem*, 2009, p. 19), o que pode conduzir ao esvaziamento crítico e à reprodução do senso comum. Essas duas formas de enclausuramento evidenciam a dificuldade de abertura à experiência e ao encontro com a alteridade. Como alternativa, Figueiredo (2009) propõe uma terceira via de enfrentamento da angústia, sustentada por “[...] movimentos construtivos e movimentos reflexivos” (*Idem*, 2009, p. 20), os quais implicam o desenvolvimento de uma “[...] competência de pensar” (*Idem*, 2009, p. 20), condição fundamental para a construção de uma prática clínica ética e implicada.

É nesse ponto que o ingresso nos estágios clínicos intensifica a (de)formação, pois o acadêmico é convocado a traduzir os conteúdos de sala de aula para o espaço clínico e acolher o sofrimento do outro ao mesmo tempo em que sua identidade pessoal e profissional se constitui gradualmente. Torna-se necessário adotar uma postura ética diante do próprio posicionamento e das escolhas que orientam sua prática, mas isso “[...]”

só acontece no bojo de um processo muito pessoal e em grande parte intransferível de experimentação e reflexão [...]” (*Idem*, 2009, p. 21).

Essas pontuações evidenciam como as condições que se entrecruzam na formação possuem um potencial gerador de sofrimento e ainda de “[...] elevar as probabilidades de desenvolvimento de desfechos mais severos”, como afirmam Andrade *et al.* (2016, p. 832). E tudo isso ocorre em meio a uma rotina marcada por leituras, supervisões, estágios, cronogramas acadêmicos, comparações e medos que acompanham qualquer processo formativo.

Uma revisão conduzida por Graner e Cerqueira (2019) identificou prevalências de sofrimento que variam de 18,5% a 49,1% em contextos universitários, sobretudo em cursos da saúde. Os principais fatores de risco envolvem sobrecarga acadêmica, insatisfação com o curso, expectativas negativas em relação ao futuro profissional, dificuldades de adaptação, baixa renda e fragilidade nos vínculos de apoio. Em contrapartida, os autores elucidam que elementos como apoio social, resiliência, autoestima e senso de coerência aparecem como fatores de proteção capazes de mitigar o impacto desse sofrimento.

Segundo Andrade *et al.* (2016), estudos nacionais apontam prevalências expressivas de transtornos mentais menores (TMN) entre estudantes universitários, especialmente na área da saúde. Tais transtornos englobam manifestações inespecíficas de mal-estar, como estresse, fadiga, insônia e irritabilidade, que impactam diretamente a vida acadêmica e pessoal dos estudantes. Nessa direção, Gastaud *et al.* (2006) identificaram que alunos de Psicologia apresentam prevalência de TMN semelhante à observada entre estudantes de Direito e Medicina. Os achados de Andrade *et al.* (2016) sugerem que o contato constante com conteúdos relacionados à subjetividade e ao sofrimento psíquico pode favorecer o surgimento desses transtornos, além de incluir outras manifestações de sofrimento, como dependência química, queixas psicossomáticas, absenteísmo e evasão universitária.

À luz dessas considerações, compreender as experiências vividas no estágio clínico torna-se fundamental, pois é nesse espaço que se manifestam, de forma mais intensa, as tensões entre teoria e prática e as fragilidades do processo formativo. De acordo com Ferrarini e Camargo (2012), diante das demandas do campo, muitos estagiários sentem-se pouco instrumentalizados para lidar com situações concretas e, por isso, recorrem ao senso comum ou à experiência pessoal como referência de atuação,

sendo que, em alguns casos, os próprios estudantes afirmam ter encontrado essa instrumentalização em seus próprios processos terapêuticos.

A complexidade e a fragmentação do campo da Psicologia, marcada pela coexistência de múltiplas abordagens teóricas, quando não compreendida criticamente, pode gerar um conhecimento desarticulado e inseguro, configurando o que as autoras denominam de um “não-lugar” científico da Psicologia; um espaço de indefinição que se reflete nas práticas e na construção da identidade profissional do futuro psicólogo (Ferrarini; Camargo, 2012).

Considerando o sofrimento que se mostra cada vez mais presente no cotidiano acadêmico, especialmente nos cursos da área da saúde e, em particular, na Psicologia, é necessário afinar o olhar para o início e a permanência em um dos momentos mais decisivos e delicados da formação: a entrada na prática clínica.

3.3. As Palavras do Estudante e um Possível Dispositivo de Cuidado de Si

O que seria da psicanálise sem a escrita de Freud? Seriam apenas ideias perambulando pelo imaginário fértil do neurologista austríaco? Como traz Lazzarini (2011, p. 44): “[...] ainda que a prática fundante da psicanálise esteja na suposição de que o inconsciente é um saber falado, o interesse pela escrita sempre esteve presente e desde cedo na obra freudiana”. Freud manteve o cuidado de registrar seus achados para que sua divulgação e disseminação os respeitasse.

Através de seus escritos sobre o campo, Freud também instituiu o tripé da formação analítica como base para a construção efetiva de um profissional ético e preparado. Essa estrutura, composta por análise pessoal, supervisão e estudo teórico, foi inaugurada por Freud (1947/1919) em “Sobre o ensino da psicanálise na universidade”, quando propôs que, para o futuro analista, “[...] quanto à sua experiência prática, fora aquela adquirida através de sua própria análise, poderá alcançá-la mediante tratamentos efetuados sob controle e guia dos psicanalistas mais reconhecidos” (Freud, 1947/1919, p. 251).

É possível transpor o tripé psicanalítico para a formação em Psicologia de modo geral, compondo um dispositivo de cuidado acadêmico. Independentemente da orientação teórica, essa tríade continua sendo um alicerce para o desenvolvimento do futuro

psicólogo. Meira e Nunes (2005) expõem que a formação em Psicologia requer a vivência integrada entre psicoterapia pessoal, supervisão e prática clínica, elementos que favorecem a construção da atitude clínica e a articulação entre teoria e prática. Contudo, apontam que esse processo também desperta tensões e angústias, pois envolve o confronto com o sofrimento do outro e com a própria subjetividade.

A análise pessoal ou, no contexto da formação em Psicologia, a psicoterapia pessoal, pode ser compreendida como um espaço de sustentação subjetiva. Freud destacou essa necessidade em “As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica” (1996/1910, p. 150) ao afirmar que “[...] nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas; e [...] requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma autoanálise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente [...]”. Se a psicoterapia é reconhecida como fundamental à formação, por que não oferecer acompanhamento psicológico acessível aos próprios estudantes? A formação ética exige corresponsabilidade: cabe ao estudante buscar implicação, mas também à instituição garantir condições e políticas de cuidado (Santos; Nóbrega, 2017).

É válido aproximar Freud e Foucault na defesa de uma formação que articule o saber e o cuidado de si. Foucault (2004) propõe, na última etapa de suas obras, esboçar os modos com que os sujeitos “[...] elaboram um saber sobre eles mesmos [...], técnicas específicas das quais os homens se utilizam para compreenderem aquilo que são” (2004, p. 323). Dentre elas, ele cita as técnicas de poder, determinantes de conduta e dominadoras, e as tecnologias de si, práticas pelas quais os indivíduos realizam “[...] um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los [...]” (2004, p. 323-324).

Foucault (2006), ao retomar o diálogo *Alcibiades I*, atribuído a Platão, localiza a origem do preceito do cuidado de si (*epiméleia heautoû*), compreendido como um exercício ético de atenção e transformação de si mesmo. O autor demonstra como, ao longo da tradição filosófica ocidental, o princípio do “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seautón*) acabou adquirindo maior centralidade, enquanto a noção do cuidado de si foi perdendo espaço.

Foucault (2004) explica que, nos períodos helenístico e romano, o cuidado de si era uma prática filosófica cotidiana, adotada por epicuristas, cínicos e estóicos, que envolvia leitura, autoexame e escrita. Foucault (2006) também descreve a parresía como uma “ética da palavra”, um modo de falar que implica sinceridade, coragem e

responsabilidade diante da verdade. Alves (2017) sustenta que Foucault compreendia a *parresía* como o elo que articula ética e política, unindo o cuidado de si ao cuidado dos outros. Sem essa prática da fala verdadeira, o cuidado de si poderia se reduzir a um exercício individualista.

Inclui-se, nessa trajetória, Sándor Ferenczi, um psicanalista conhecido por seus escritos e desvios autênticos, coerentes e corajosos em relação ao caminho trilhado pela psicanálise tradicional. Os encontros entre filosofia e psicanálise propostos por Júnior e Bonomo (2021) e Gondar e Tucci (2022) aproximam Foucault e Ferenczi por meio de intersecções entre a valorização da diferença como multiplicidade, o questionamento sobre a verdade do sujeito e de seu tratamento, a ética do cuidado de si, as práticas libertadoras e a coragem da franqueza. Ambos podem ser considerados autores da diferença.

Ferenczi desvia-se do caminho comum trilhado por Freud, tratando esse descaminho como um novo método. Como explicam Gondar e Canavêz (2018), para lidar com as novas “[...] formas de sofrimento nas quais conflitos estão ausentes e [...] o modo de subjetivação aparece como fragmentário” (p. 101), tornou-se necessário ultrapassar os métodos psicanalíticos clássicos e construir um novo arsenal técnico capaz de abarcar a diferença desses modos de ser e sofrer. Pergunta-se, então: “[...] onde estaria [...] a verdade do sujeito, ou até a verdade no tratamento?” (Gondar; Tucci, 2022, p. 127).

Segundo Gondar e Tucci (2022), Foucault pensa a diferença de modo que não depende da lógica da oposição. Ele enxerga a diferença como multiplicidade, algo que não precisa ser definido por contraste, comparação, mas que existe por si, de forma dispersa e variada. Os modos de subjetivação analisados por Ferenczi, fragmentários, paradoxais, exigem um manejo clínico que não os reduza a uma lógica opositiva ou dialética, “[...] pois isso implicaria se perder as nuances e a diversidade de seus elementos” (Gondar; Tucci, 2022, p. 127).

O dispositivo clínico trabalhado por Ferenczi conduz, assim, a um desvio que valoriza a diferença. Seu cuidado com o próprio trabalho e com seus analisandos constitui uma ética que o leva a uma prática libertadora e autêntica, caminhando na contramão de uma lógica formal, dualista e opositiva. Ferenczi propõe uma posição ética relacional, sustentada pela elasticidade, pela mutualidade e pela humildade da técnica (Gondar; Canavêz, 2018; Gondar; Tucci, 2021).

Ferenczi, em “Elasticidade da Técnica Psicanalítica” (1928/2011), contribui para o cenário psicanalítico da época anunciando como o trabalho no campo exige o reconhecimento da implicação pessoal do próprio analista no processo. O autor ainda discorre sobre a segunda regra fundamental da psicanálise, a de que o analista deve passar por sua própria análise de modo a tornar-se mais consciente de suas fragilidades e particularidades e prevenir que conteúdos inconscientes interfiram de forma não elaborada na relação com o paciente.

O método elástico reivindica uma postura clínica mais viva, na qual o analista se coloca não como uma autoridade distante, mas como alguém que também se transforma na experiência analítica e problematiza a verticalidade da relação entre analista e analisando (Gondar e Canavêz, 2018). A parresía pode ser tomada, como propõem Gondar e Tucci (2021), como referência para compreender a proposta ferencziana de um diálogo franco e autêntico, no qual a verdade pode circular entre analista e analisando.

Sustenta-se que esses elementos da experiência ética e da acolhida da diferença trabalhados por Ferenczi e Foucault, um na clínica, outro na filosofia, podem ser remanejados para o campo da formação, pois, em todos esses âmbitos, a ética se inscreve como prática de liberdade e responsabilidade, também sustentada na palavra, na escrita, no vínculo e no cuidado de si.

Foucault, ao recuperar práticas antigas do governo de si; Freud, ao instituir o tripé formativo da psicanálise; e Ferenczi, ao elencar a “segunda regra” da análise do analista, convergem em um ponto decisivo: o imperativo ético de voltar-se a si mesmo para melhor cuidar do outro. Há um ponto de contato que pode ser deslocado para a formação em Psicologia, onde a produção de cuidado de si aparece como condição de possibilidade para a produção de cuidado.

É possível propor como estratégia de cuidado de si na graduação um dispositivo coletivo de cuidado de si na formação em Psicologia, noção compreendida, nos termos foucaultianos, como um “conjunto [...] heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas.” (Foucault, 1995, p. 244)

Esse dispositivo não se reduz a uma técnica ou ferramenta, mas a uma rede de práticas, discursos e relações que se articulam entre o espaço formativo e clínico da Psicologia. Nele, a escrita é tomada como recurso de registro, enunciação e

transformação. A escrita como dispositivo de cuidado deixa de ocupar o lugar meramente instrumental de produção de relatórios, artigos ou trabalhos de conclusão de curso, passando a ser compreendida como um gesto criador e ético.

Em um dispositivo grupal de escrita, a parresía, a narração e o testemunho entrelaçam-se e abrem espaço para o sujeito elaborar-se por meio da palavra. Para Santos e Almeida (2024), a escrita é vista como uma forma de o sujeito expressar sua subjetividade, ir além da comunicação instrumental e entrar em contato com suas faltas e angústias. O inconsciente, compreendido como um saber falado, comparece na narrativa escrita e pode ser "lido" nas entrelinhas, revelando-se nas fissuras da linguagem e permitindo intervenções posteriores, sendo a escrita um ato de criação de mundos e recriação de si mesmo (Santos; Almeida, 2024)

A inflexão dessas ideias converge para sustentar o propósito que almeja esse estudo: desenvolver uma estratégia formativa na graduação em Psicologia, capaz de promover o cuidado e afirmar sua dimensão ética. Inspirada nesse entrelaçamento entre psicanálise e filosofia, é possível construir uma rede de apoio que una a vitalidade do encontro grupal à potência da escrita e da palavra franca como exercício de cuidado. Pretende-se, a partir disso, criar condições para que os estudantes sustentem um modo ético de estar no mundo e na profissão. Como questiona Júnior (2021, p. 13): “Afim, não será o destino de uma pesquisa poética demonstrar que o pensamento só se exerce onde houver liberdade para pensar?”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desenvolvido neste estudo evidencia que a formação em Psicologia, especialmente no estágio clínico obrigatório, ultrapassa a dimensão técnico-instrumental, implicando o estudante em um processo ético e subjetivo. Ao mesmo tempo em que é convocado a sustentar o cuidado do outro, o futuro psicólogo confronta-se com seus próprios limites, o que aponta para a necessidade de dispositivos que ofereçam sustentação a essa experiência.

A análise do cenário formativo brasileiro revela tensões entre a proposta de uma formação crítica e a incidência de lógicas institucionais e mercadológicas que restringem espaços de problematização e reflexão. O estágio clínico condensa tais tensões, tornando visíveis tanto as fragilidades e angústias quanto as potencialidades do processo formativo.

Sustenta-se, assim, que a escrita pode operar como um dispositivo de cuidado de si. Inspirada em Foucault e Ferenczi, ela é compreendida para além de um instrumento de registro, tomando-se como prática ética que favorece a elaboração da experiência e a construção de uma posição subjetiva diante das exigências da formação. Reitera-se que formar-se psicólogo implica não apenas aprender conteúdos, mas constituir-se como sujeito nesse processo. A formação em Psicologia não se limita ao aprender. Ela se desenha como uma travessia em que o sujeito se transforma ao cuidar e ao ser cuidado, fazendo de si mesmo campo de experiência, pensamento e existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. P. de; NAFFAH NETO, A. (orgs.). **A pesquisa em psicanálise na universidade: um enfoque no método por meio de exemplos**. São Paulo: EDUC, 2020.

ALVES, A. Repensando o papel do professor como agente transformador: parresia, cuidado de si e ética na formação de professores. **Pro-Posições**, v. 28, n. 1, p. 193–212, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/9yNwbzFZ4CYjjSZcc9rkk3D/>. Acesso em: 2 maio 2026.

ANDRADE, A. dos S. et al. Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, p. 831–846, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/RTkfTtDv3sRKHGT7J3zPMZC/>. Acesso em: 2 maio 2026.

BERNARDES, J. A formação em Psicologia após 50 anos do primeiro currículo nacional da Psicologia: alguns desafios atuais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. esp., 2012.

CNN BRASIL. Fuvest 2025: veja os cursos mais concorridos. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/fuvest-2025-veja-os-cursos-mais-concorridos/>. Acesso em: 2 maio 2026.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Ano da formação em Psicologia: revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Psicologia**. São Paulo, 2018.

FERRARINI, N. L.; CAMARGO, D. O sentido da Psicologia e a formação do psicólogo: um estudo de caso. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 710–719, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/XttCqgmYxgYv4XpZWTqw7Rd/>. Acesso em: 2 maio 2026.

FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica. In: _____. **Obras completas**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Original publicado em 1928).

FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. **Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1995.

FOUCAULT, M. Tecnologias de si. **Verve**, São Paulo, n. 6, p. 321–360, 2004.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017/3559>.

Acesso em: 2 maio 2026.

FORBES BRASIL. As 25 profissões que mais crescem no Brasil, segundo o LinkedIn. 2025. Disponível em: <https://forbes.com.br/carreira/2025/01/as-25-profissoes-que-mais-crescem-no-brasil-segundo-o-linkedin/>. Acesso em: 2 maio 2026.

FREUD, S. Sobre o ensino da psicanálise na universidade. In: _____. **Obras completas**. Madrid: Alianza, 1974. (Original publicado em 1919).

FREUD, S. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1910).

G1. Procura por cursos de saúde aumenta após pandemia de Covid-19, avalia UFRGS. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/11/09/procura-por-cursos-de-saude-aumenta-apos-pandemia-de-covid-19-avalia-ufrgs.ghtml>. Acesso em: 2 maio 2026.

GASTAUD, M. B. et al. Bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores em estudantes de Psicologia. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 12–18, 2006.

GONDAR, J.; CANAVÊZ, F. Psicanálise: o desvio como método. In: FULGENCIO, L. et al. (org.). **Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos**. São Paulo: Zagodon, 2018. p. 95–105.

GONDAR, J.; TUCCI, F. Ferenczi com Foucault: entre fragmentos e verdade. **Cadernos de Psicanálise**, v. 44, n. 46, p. 125–141, 2022.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. A. R. Sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 4, p. 1327–1346, 2019.

JACÓ-VILELA, A. M. A Psicologia no Brasil: formação e institucionalização. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 44, n. spe1, 2024.

JÚNIOR, Auterives Maciel. Introdução. In: _____ (org.). **Duas éticas em questão: cuidado de si e práticas de liberdade em Ferenczi e Foucault**. Jundiaí: Paco Editorial, 2021. p. 7–13.

JÚNIOR, A. M.; BONOMO, H. A. R. O que é um dispositivo clínico? In: JÚNIOR, A. M. (org.). **Duas éticas em questão: cuidado de si e práticas de liberdade em Ferenczi e Foucault**. Jundiaí: Paco Editorial, 2021. p. 15–43.

KRUG, J. S. et al. Percepções de estudantes de Psicologia sobre o domínio de teorias. **Psicologia: Ensino & Formação**, v. 4, n. 1, p. 41–59, 2013.

LAZZARINI, E. R. Borges, a escrita criativa e o estatuto do leitor em psicanálise. **Polifonia**, Cuiabá, v. 18, n. 24, p. 43–52, 2011.

LIMA, M. C. F. A beleza de ser um eterno aprendiz: uma palavra sobre a formação do psicólogo. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 95–105, 2004.

MEIRA, C. H. M. G.; NUNES, M. L. T. Psicologia clínica, psicoterapia e o estudante de psicologia. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 15, n. 32, p. 339–343, 2005.

PAIS RIBEIRO, José Luís. Revisão de investigação e evidência científica. **Psicologia, Saúde e Doenças**, Lisboa, v. 15, n. 3, 2014.

PORTAL DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO IPUSP. **Procura por curso de Psicologia nas faculdades explode no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://sites.usp.br/psicousp/procura-por-curso-de-psicologia-nas-faculdades-explode-no-brasil/>. Acesso em: 2 maio 2026.

SANTOS, A. C.; NÓBREGA, D. O. Dores e delícias em ser estagiária: o estágio na formação em Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 2, p. 515–528, 2017.

SANTOS, S. M.; ALMEIDA, I. M. M. Z. P. Psicanálise e a escrita de si. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 24, 2024.

SEIXAS, P. S. **A formação graduada em Psicologia no Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

Credenciais da/os autora/es

Bianca Ferrari Popek. Graduanda em Psicologia pela URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Santiago. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0366-6823>. E-mail: biafe.p@gmail.com.

Camilla Baldicera Biazus. Professora do Curso de Psicologia da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Santiago. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA, 2009), Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Doutora

em Linguística pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pós-doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9604-1274>. E-mail: camillabiazus@yahoo.com.br.

Endereço para correspondência: Bianca Ferrari Popek. Rua Felipe Lopes, n. 2057, Vila Nova, CEP 97714-000, Santiago/RS, Brasil. E-mail: biafe.p@gmail.com.

Recebido: 02/05/2026.

Aceito: 16/05/2026.